



Boletim informativo

Ano 2 :: Número 18 :: dezembro 2020



Presidência do ICS promove reunião com funcionários técnicos e administrativos

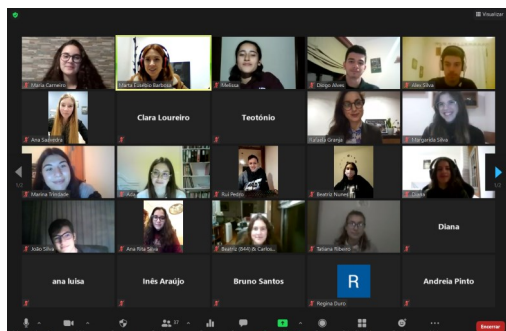
Avaliar o trabalho desenvolvido, partilhar preocupações e debater estratégias. É esta a agenda do encontro que a Presidência do ICS organizou para o dia 5 de janeiro com os 15 funcionários que asseguram os serviços do Instituto.

ICS participa em curso de Formação Avançada para Bolseiros

Tem 30 unidades ECTS e duas áreas científicas, Metodologias de Investigação Científica e Comunicação de Ciência. O Curso de Formação Especializada em Fundamentos para a Investigação Científica começará a funcionar já a 14 de janeiro, com o objetivo de oferecer uma oportunidade formativa a bolseiros de investigação que não frequentem cursos conferentes de grau. O ICS colabora com este programa de formação, especificamente na lecionação da Unidade Curricular de Comunicação de Ciência e Suportes Digitais, que terá a duração de 10 semanas, num total de 140 horas de trabalho. 🕒

Conselho Científico aprovou orientações para protocolo de ética

As diretivas são da Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Minho. O documento interno do ICS visa apenas facilitar a aplicação prática dos princípios do Código de Ética. Preparadas por um grupo de trabalho que contou com a participação de um docente de cada departamento, estas orientações têm dois objetivos principais: a) apoiar estudantes e orientadores na preparação do protocolo de ética dos trabalhos de pós-graduação; e b) clarificar etapas do processo de submissão a eventual parecer do Conselho de Ética da Universidade. 🕒



Programa O MELHOR ESTUDANTE teve mais participantes

Este ano o plano incluiu menos atividades, mas a iniciativa registou maior participação. O programa O MELHOR ESTUDANTE é promovido pela UMinho com o objetivo de favorecer a aproximação aos públicos pré-universitários. No ano passado, as atividades do ICS registaram apenas 12 participantes. Este ano, no conjunto dos três dias, entre 16 e 18 de dezembro, houve mais de uma centena de estudantes do Ensino Secundário a aderir ao programa, que contou com atividades de três centros de investigação, o CECS, o Lab2PT e o CICS-UMINHO. 🕒

**A Presidência do ICS deseja a todos um novo ano confiante, com saúde e promissor!
Que as realizações adiadas de 2020 se cumpram em dobro em 2021.**

Manuel Pinto

“Gostaria de visitar as teorias da comunicação, sobretudo as que valorizam a Humanidade e as relações humanas”

Estudou História, mas foi na Comunicação Social que fez a maior parte do percurso profissional, primeiro como jornalista, depois como docente universitário. Professor catedrático do Departamento de Ciências da Comunicação, Manuel Pinto aposentou-se no início de dezembro. Na nova fase da vida quer dedicar-se ao projeto jornalístico que ajudou a fundar, o Sete Margens.

Entrevista:
Madalena Oliveira

Fotos:
Luís A. Santos e
DCC



Manifestou alguma ansiedade pela aposentação. Porquê?

Acho que não era ansiedade. Era um plano que eu tinha, de me reformar na altura em que pudesse fazê-lo do ponto de vista dos requisitos que o quadro normativo impõe.

Nunca ponderou permanecer até ao momento da jubilação?

Não propriamente... também, porque sou sensível à importância de se abrir a possibilidade de renovar um pouco o corpo docente. Nós ligamo-nos muito às coisas que fazemos, mas é preciso também assumir que nós não somos insubstituíveis.

Manifestou em algumas circunstâncias algum desapontamento em relação à academia. A Universidade deixou de ser um lugar de realização?

Não. Eu nunca senti isso, porque assumi sempre que a realização é também uma construção que nós fazemos ou que nos dispomos a fazer. As aulas são um espaço fabuloso de encontro, de aprendizagem de parte a parte, e a investigação, sendo uma experiência mais intelectual, de produzir conhecimento, é um terreno que, por si, alimenta a vida académica. Vejo a vida académica como um privilégio, embora muitas vezes com muitas dificuldades.

Pode o espírito competitivo que se foi acentuando descaracterizar a universidade?

A cultura dos *rankings*, de quem tem mais produção, do quantitativo sobre o qualitativo, da pressa de avançar... tudo isto são aspetos que criam dificuldades na formação de equipas e isso é, de facto, um problema hoje. Sentimos que temos de gerir, em cima de tudo o resto, esta pressa e esta necessidade de mostrar, de exhibir produção, o que cria, por vezes, um clima que não é o mais favorável.

vel a trabalhos e a projetos coletivos.

Como se cruzam as três áreas em que trabalhou, a História, o Jornalismo e a docência universitária?

Eu tive o privilégio de não me ter batido por nada e de ir respondendo a desafios ou a propostas que me fizeram. Tive essa sorte. Sou do tempo – e devo confessar que isso é, de fato, uma situação que hoje está longe da vida da maior parte dos jovens – de crescer sem a preocupação de um emprego. Nós sabíamos que tínhamos um lugar à nossa espera. Eu fui para História porque gostei muito de um professor que tive no liceu e que me entusiasmou pela História. O curso depois não entusiasmou demasiado, mas deu-me uma coisa muito importante: o sentido da História. Terminei o curso a gostar de Antropologia e candidatei-me a um trabalho no *Jornal de Notícias*, para ver se seria um lugar para fazer um trabalho mais ligado a esta área. No jornalismo fui descobrindo a perspetiva dos públicos, da formação das audiências e acabou por ser por isso que fui convidado para vir para a Universidade do Minho. Foi um percurso natural, que nunca senti como ruturas. No jornalismo sentia que tinha pouco tempo para pensar sobre o que fazia. Desse ponto de vista, a vida académica foi mais gratificante, porque nos dá alguns tempos para pensarmos algumas coisas.

Se tivesse de eleger uma atividade como a mais marcante, elegeria a atividade académica em vez do jornalismo?

Tenho dificuldade, porque o jornalismo marcou-me muito, pela atenção à atualidade e pela possibilidade de ler o mundo através desta atenção ao que se passa e à

nossa relação com o que se passa. Não sou capaz de fazer uma escolha.

A área da literacia em que se especializou tem colhido muito reconhecimento público. Do seu ponto de vista a investigação é especialmente relevante quando tem também uma certa vocação para a intervenção?

Sim. Devo dizer que um aspeto que me foi sempre particularmente querido no projeto do CECS foi precisamente essa consciência cívica e política neste sentido nobre do termo, e essa assunção de que somos uma instituição pública e que o nosso trabalho tem de ter sempre esse sentido de serviço público. O que temos feito, não só em relação à literacia mediática, mas também sobre a imprensa regional, o porte pago, sobre processos de avaliação... corresponde a esse princípio de aplicar e de prestar um serviço e de transferir conhecimento ou de contribuir para a construção de políticas e formas de intervenção. O próprio trabalho sobre a Bugiada, a que hoje estou ligado, é também uma forma de promover a capacitação de uma comunidade em relação ao valor destas manifestações culturais. Eu teria muita dificuldade em me dedicar à investigação fundamental, mais teórica, porque tive sempre este lado do fazer, beneficiando muito do que fazem aqueles que produzem mais um trabalho de retaguarda, que pode ser menos visível, mas que não é menos importante.

O interesse por esta área da literacia também a ver com uma proximidade a valores mais humanistas?

Esta área tem um percurso longo e resulta de propostas de organizações internacionais, como a Unesco, o Conselho da

Europa e mais recentemente a União Europeia. É uma proposta que se entende que pode enriquecer o exercício da cidadania, pelo que há aqui um lado militante, ativista, que está sempre presente. Isto liga-se também com um processo das próprias democracias ocidentais em particular e com a consciência de que há matérias na vida quotidiana que precisam de um cuidado especial ao nível do estudo, da pedagogia, dos horizontes culturais (por exemplo, a nossa relação com a imagem como linguagem, a necessidade de qualificar o olhar e de ver para lá das aparências).

No domínio da literacia e da educação para os média, o que é que gostaria de ter feito e não teve oportunidade de fazer na Universidade?

Gostaria de voltar um pouco ao básico, e o básico é a comunicação. Eu sinto que nós fizemos umas trajetórias muito rápidas entre o analógico e o digital, deixámo-nos mergulhar na esfera do digital e talvez estejamos a correr o risco de perder de vista a importância decisiva de muitas formas de vida e de comunicação analógica que não podem ser perdidas, sob pena de se perder alguma dimensão da Humanidade. E nós sentimos isso, por exemplo, neste clima de pandemia. É o analógico que nos falta. Isto implica perceber que as próprias teorias da comunicação precisam de se refundar. Eu não tenho a pretensão de o fazer, mas gostaria de poder dar algum contributo em aspetos a que tenho estado mais ligado. Penso que importa que nos perguntemos se é possível uma teoria da comunicação sem incorporar a importância dos sentidos, da escuta, do físico, de uma ética do cuidado...

PERFIL

**Moderado no
temperamento,
ativista nos
princípios**

Na última reunião de Conselho Científico do ICS em que participou, em novembro, Moisés de Lemos Martins considerou-o um “homem de eleição, de quem o instituto é muito devedor”. Calmo no feitio, de palavra branda e espírito conciliador, Manuel Pinto fez, no entanto, um percurso de participação comprometida na Universidade. Foi diretor do

Departamento de Ciências da Comunicação, diretor do CECS, presidente do Conselho do Instituto, membro do Conselho de Ética e integrou o movimento “Universidade Cidadã”. Preocupa-o a humanidade da vida na Universidade, porque a vê “bastante burocratizada, muito centralizada, muito quantificada e muito parametrizada”.

AGENDA

Provas de Doutorado

Agendadas

CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Helena Alice Mendes Pereira

“A Curadoria (expandida) como processo de comunicação da Arte Contemporânea”

06 de janeiro de 2021

Alene da Silva Lins

“Uma visão socio-semiótica do espontâneo no fotojornalismo político”

12 de janeiro de 2021

Francisca Tôres Filha

“Uma visão socio-semiótica do espontâneo no fotojornalismo político. Gênero e participação política das trabalhadoras rurais: O caso do P.A. Sítio de Góis – Apodi/RN (NE – BR)”

28 de janeiro de 2021

GEOGRAFIA

Ricardo José Carvalho

“A importância do turismo criativo para o desenvolvimento de cidades de pequena dimensão e de áreas rurais: estudo de caso dos projetos-piloto do Noroeste de Portugal e inseridos no Projeto CREATOUR”

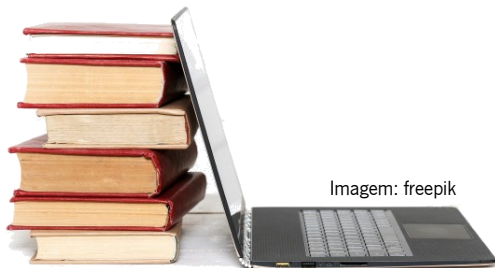
08 de janeiro de 2021

RECRUTAMENTO

Está aberto concurso para recrutamento de um Professor Auxiliar em Ciências da Comunicação. O período de candidatura decorre até ao dia 4 de fevereiro. De acordo com o edital publicado em Diário da República no dia 22 de dezembro, o docente a contratar deverá demonstrar competências de lecionação nas áreas de Jornalismo, Multimédia, Vídeo, Internet e Redes Sociais e Ética e Deontologia da Comunicação. Entre outros documentos, os candidatos deverão submeter um portfólio digital de trabalhos jornalísticos. ☉

BOLSAS

CECS e Lab2PT atribuem bolsas de investigação para doutoramento



Não é propriamente a primeira vez que o Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade abre concurso para atribuir bolsas de investigação para Doutoramento. Um processo semelhante foi conduzido entre 2014 e 2018, no âmbito do Doutoramento FCT em Estudos de Comunicação: Tecnologia, Cultura e Sociedade, um programa promovido em consórcio com outras unidades de investigação em Ciências da Comunicação. Ainda assim, o concurso

que decorre de 4 a 15 de janeiro é inédito por se realizar ao abrigo do Protocolo de Colaboração para Financiamento do Plano Plurianual de Bolsas de Investigação para Estudantes de Doutoramento.

Também no Lab2PT estão a decorrer processos semelhantes de recrutamento. De 11 a 22 de janeiro, estão a concurso três bolsas, uma por cada uma das seguintes áreas: História, Geografia e Arqueologia.

Embora financiadas pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, as bolsas agora disponíveis distinguem-se das bolsas habitualmente atribuídas por esta agência, já que o processo de seleção é feito localmente nas unidades de investigação e especificamente para os cursos de Doutoramento da oferta formativa do ICS a que os centros em causa estão associados. ☉

Lab2PT tem nova equipa diretiva

O Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2PT) é uma unidade de investigação que cruza duas escolas, o ICS e a Escola de Arquitetura. Por isso, a estrutura de governação prevê que o diretor seja eleito de forma alternada, ou seja, com um mandato conduzido “à vez” por cada uma das escolas.

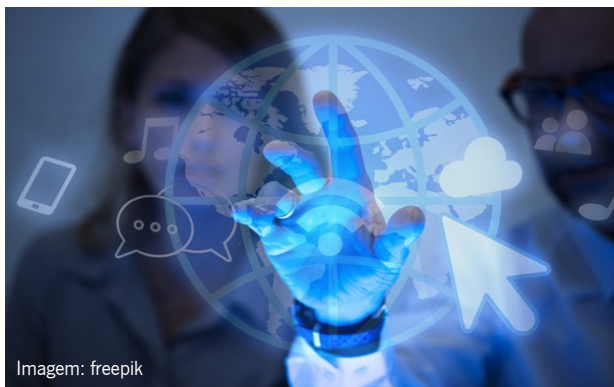
Paula Remoaldo, Professora Catedrática do De-

partamento de Geografia, cessou funções em dezembro. Sucede-lhe Jorge Correia, Professor Associado com Agregação, da Escola de Arquitetura, que era, na direção anterior, vice-diretor, e que contará agora com a colaboração de Fátima Ferreira, Professora Auxiliar do Departamento de História, na posição de vice. Da comissão executiva farão ainda parte os coordenadores dos grupos de investigação. ☉

Geografia e História vão ter novos sites

O modelo de página online dos sites dos Departamentos de Geografia e de História não foi atualizado quando a Universidade do Minho renovou os sites das escolas e institutos. Por dificuldades dos serviços de Tecnologias e Sistemas de Informação, estas páginas continuam a ser atualizadas de modo precário e com muitas limitações num ambiente de *backoffice* descontinuado.

O problema era comum a todos os departamen-



tos do ICS, mas já foi de algum modo ultrapassado pelos Departamentos de Ciências da Comunicação e de Sociologia, por iniciativa própria.

Em janeiro as direções dos Departamentos de Geografia e História começam a trabalhar

com o Gabinete de Comunicação e Extensão do ICS para, a curto prazo, proceder à atualização dos respetivos portais para um sistema mais amigável e numa estratégia integrada do Instituto. ☉